

A POLÊMICA DOS COROS DE ANTÍGONA

INTRODUÇÃO

Lawrence Flores Pereira
Kathrin Holzermayr Rosenfield

Seria anacrônico aproximar uma tragédia antiga da dramaticidade moderna? Desde Hölderlin e Nietzsche, nossa sensibilidade artística exige que as obras do passado se conectem com nossos anseios atuais, por mais que respeitemos a especificidade histórica de uma peça que pertence a um momento e a um contexto precisos.

É essa exigência de permanente desconstrução e reconstrução, de ensaios imaginários e de permutas simbólicas que transformou a interpretação convencional numa tarefa virtualmente infinita. A Antígona supremamente bela e nobre de Goethe pode muito bem conviver com a “terrível” Antígona que Perrotta ou Lacan nos revelam nas suas leituras 150 anos depois de Goethe. É no seu conjunto que essas leituras fazem vibrar novamente o nome e a imagem dessa heroína. Para compreender plenamente seu desafio, deveríamos sentir um arrepió inquietante. Pois sua estranha aura tem realmente algo da inquietante selvageria dos dramas de Tennessee Williams – de forma que poderíamos tranqüilamente perguntar: quem tem medo de Antígona... ou de Virginia Woolf? Há muitas facetas na estranha aura – crua e meiga – da mais bela das heroínas trágicas. Os próprios personagens do drama, por exemplo, os anciãos do Coro, assinalam constantemente o lugar estranho que ela ocupa. Centro de todas as esperanças que os anciãos nutrem quase que desesperadamente, Antígona aparece como algo mais e algo menos do que uma moça núbil: ela não é nem criança, nem adulta, nem mulher, nem homem. Mesmo assim, ela tem todos os traços marcantes de todas estas posições sociais e imaginárias, nela se reflete o que a civilização tem de melhor – e de pior.

O enigma da beleza desta heroína – que amamos apesar do terror que certos dos seus gestos e palavras podem nos inspirar – confunde-se com o problema da interpretação

da tragédia *Antígona*. Para desvendar este enigma, Hölderlin, “o maior de todos os leitores de Sófocles”, segundo a helenista Nicole Loraux, ressaltou a complexidade dos cantos corais. Com efeito, nos hinos dessa tragédia encontramos uma paradoxal mistura de paixão e serenidade, de frieza neutra e de amor candente, de pavor e de confiança. A sintaxe hiper-sofisticada do original deixa adivinhar uma condensação extrema de múltiplos sentidos que somente uma escuta sutilíssima pode distinguir. O problema exige debates críticos acirrados e assim ocupou o primeiro plano também no trabalho de encenação da peça. A “solução” dada por Luciano Alabarse, Lawrence Flores Pereira e Kathrin H. Rosenfield foi a de obnubilar a clareza – aparente e enganosa – do texto pela riqueza emocional do canto, da dança e do ritmo. Era claro que esta “solução” ia levar a um debate....

No mesmo período em que se desenvolvia o *Colóquio Internacional de Estética*, a encenação de *Antígona*, dirigida por Luciano Alabarse, com dramaturgia de Kathrin Rosenfield e tradução de Lawrence Flores Pereira ainda causava polêmica em Porto Alegre. A grande produção que foi assistida por um público aproximado de 15 mil pessoas e que abriu a temporada do tradicional Theatro São Pedro, não gerou poucas discussões, culminando com o que foi batizado como “a *polêmica dos coros*”. Ela foi deflagrada pelo diretor, professor e ator Luiz Paulo Vasconcelos na revista *Aplauso* que foi peremptório em criticar não apenas a música de Arthur de Faria como a própria decisão de se usar o coro musical na tragédia. A resposta veio uma semana depois, novamente publicada pela revista *Aplauso*, escrita desta vez por Lawrence Flores Pereira. Finalmente, Luiz Paulo Vasconcelos ofereceu a tréplica.

O Colóquio de Estética reservou uma noite de encontro para reunir os integrantes da montagem de *Antígona* e Luiz Paulo Vasconcelos. Os detalhes desta discussão não foram registrados, mas eles se encontram parcialmente esboçados nos textos da polêmica aqui listados. Reunimos aqui três textos onde a problemática do coro é discutida: 1) o texto de Vasconcelos; 2) a resposta de Lawrence Flores Pereira na íntegra; 2) um texto de Kathrin H. Rosenfield; 3) notas do próprio tradutor sobre a tradução dos coros.